

ACM faz críticas ao Mercosul

Senador pela Bahia diz que o Nordeste não se beneficia com a integração

por Maria Cristina Fernandes
e Wladimir Gramacho
de Fortaleza

O senador Antônio Carlos Magalhães (PFL-BA) criticou duramente ontem o Mercosul, classificando-o como "negativo" para o Nordeste. "A região não vai beneficiar-se de um centavo sequer movimentado pelo Mercosul", disse o senador, durante as comemorações do 43º aniversário do Banco do Nordeste do Brasil (BNB).

Para ACM, a distância, a precariedade das estradas e o alto custo dos fretes impedirão que os produtos nordestinos sejam vendidos nos demais países do Mercosul (Argentina, Paraguai e Uruguai). As críticas ao bloco econômico do Cone Sul, que começou a funcionar neste ano, surgi-

ram da insatisfação geral dos governadores e parlamentares nordestinos com as primeiras propostas à reforma tributária que, na opinião deles, prejudicam a região.

O ministro da Fazenda, Pedro Malan, único representante do governo federal a discursar, não rebateu as críticas de ACM. Para defender o Mercosul, lembrou que a Comunidade Econômica Européia (CEE) tem transferido recursos para os países mais pobres que integram o bloco. Malan limitou-se a dizer que "esse modelo (da CEE) também deverá ser aplicado ao Mercosul".

Coube, então, ao governador do Ceará e um dos principais aliados do governo, Tasso Jereissati, a defesa do Tratado de Assunção, assina-



Antônio Carlos Magalhães

do em 1991 pelo então presidente Fernando Collor, mas impulsionado fortemente na gestão de Fernando Henrique Cardoso à frente do Ministério da Fazenda. "A preocupação do Nordeste com o

Mercosul não significa que discordemos do acordo assinado com os demais países: essa é uma tendência internacional", lembrou Jereissati.

O tucano fez também um alerta aos outros quatro governadores da região presentes à solenidade: Paulo Souto (Bahia), Albano Franco (Sergipe), Garibaldi Alves Filho (Rio Grande do Norte) e Mão Santa (Piauí). "Ou nós descobrimos que desenvolvimento queremos, ou teremos um novo processo de concentração, agora não mais por culpa do clientelismo, mas pela nossa omissão no processo de desenvolvimento."

A postura dos governadores do Nordeste, segundo Tasso, já não é mais representada pela figura do político de ca-

beça baixa, com um pires na mão, pedindo ajuda do governo federal para enfrentar a seca. "Não queremos pedir ajuda, mas discutir de igual para igual. Aqui ninguém mais pede esmola", afirmou.

A declaração foi uma tentativa de enquadramento do senador Antônio Carlos Magalhães, que minutos antes havia reclamado ao ministro Malan mais recursos para a região, "pois o Sul e o Sudeste têm o apoio dos homens públicos".

Apesar das ressalvas de Tasso, outro tucano, o senador Lúcio Alcântara, concordou com as críticas de ACM. "Ao Nordeste interessa que São Paulo seja pujante, mas não podemos comungar com a centralização da economia", disse a este jornal.